

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v32n2e26033>

## **Livros interditados e não recomendados: *il Piccolo emigrante* e sua autora Arpalice Cuman Pertile**

**Forbidden and not recommended books: *il Piccolo emigrante* and its author Arpalice Cuman Pertile**

**Libros prohibidos y no recomendados: *il Piccolo emigrante* y su autora Arpalice Cuman Pertile**

**Terciane Ângela Luchese**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6608-9728>

**Resumo:** A professora e escritora de obras infantis Arpalice Cuman Pertile nasceu em Marostica, norte da Itália, aos 12 de maio de 1876, tempo em que muitos de seus conterrâneos imigravam em direção às Américas. Foi a primeira mulher de Marostica a alcançar a condição de formada no Ensino Superior em 1898 e tornou-se professora da Escola Normal por um período quando seus discursos a favor da paz e sua não adesão ao fascismo impuseram sua exclusão da docência, além de seus livros deixarem de ser recomendados. Escritora de inúmeras obras de literatura infantil, dentre elas *Il Piccolo Emigrante*, publicado pela reconhecida editora G. B. Paravia. Entrelaçando aspectos biográficos da autora e de suas obras, em especial *Il Piccolo Emigrante*, nessa análise intento pensar a relação de Arpalice Cuman Pertile, suas obras e as evidências da defesa de paz e liberdade, no contexto histórico italiano da primeira metade do século XX. Por meio da análise documental histórica de livros, correspondências, fotografias e jornais, a narrativa permite entrever a história de vida de uma escritora e professora que presenciou duas grandes guerras e sofreu em meio ao totalitarismo fascista. Ao final da década de 1920, algumas de suas obras de literatura infantil e didáticas deixaram de ser recomendadas por não estarem vinculadas aos ideais fascistas e mesmo com as imposições de isolamento, precarização das condições de vida, Arpalice ecoou em seus escritos a defesa da liberdade, justiça, paz e fraternidade humana. Arpalice faleceu em sua cidade natal, aos 30 de março de 1958.

**Palavras-chave:** literatura infantil; biografia; história de mulheres; história da educação.

**Abstract:** Teacher and writer of children's books Arpalice Cuman Pertile was born in Marostica, northern Italy, on May 12, 1876, a time when many of her countrymen immigrated to the Americas. She was the first woman from Marostica to get a Graduation in Higher Education in 1898 and became a teacher at the Normal School for a period when her speeches in favor of peace and her non-adherence to fascism led to her exclusion from teaching, and her books stopped being recommended. Writer of numerous works of children's literature, including *Il Piccolo Emigrante*, published by the renowned publisher G. B. Paravia. Interweaving biographical aspects of the author and her works, especially *Il Piccolo Emigrante*, in this analysis I try to think about the relationship between Arpalice Cuman Pertile, her works and the evidence of the defense of peace and freedom, in the Italian historical context of the first half of the twentieth century. Through the historical documentary analysis of books, correspondence, photographs and newspapers, the narrative allows us to glimpse the life story of a writer and teacher who witnessed two great wars and suffered in the midst of fascist totalitarianism. By the end of the 1920s, her children's literature and educational works were no longer recommended because they were not linked to fascist



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

ideals. Even with the imposition of isolation and precarious living conditions, Arpalice echoed in her writings the defense of freedom, justice, peace and human fraternity. Arpalice died in her hometown on March 30, 1958.

**Keywords:** children's literature; biography; women's history; history of education.

**Resumen:** La maestra y escritora de libros infantiles Arpalice Cuman Pertile nació en Marostica, norte de Italia, el 12 de mayo de 1876, una época en la que muchos de sus compatriotas emigraron a las Américas. Fue la primera mujer marostica en alcanzar la condición de licenciada en Educación Superior en 1898 y se convirtió en maestra de la Escuela Normal durante un período en que sus discursos a favor de la paz y su no adhesión al fascismo impusieron su exclusión de la enseñanza, además de que sus libros ya no eran recomendados. Foi escritora de numerosas obras de literatura infantil, entre ellas *Il Piccolo Emigrante*, publicada por la reconocida editorial G. B. Paravia. Entretejiendo aspectos biográficos de la autora y de sus obras, especialmente *Il Piccolo Emigrante*, en este análisis intento pensar en la relación entre Arpalice Cuman Pertile, sus obras y las evidencias de la defensa de la paz y la libertad, en el contexto histórico italiano de la primera mitad del siglo XX. A través del análisis documental histórico de libros, correspondencia, fotografías y periódicos, la narrativa permite vislumbrar la historia de vida de una escritora y maestra que fue testigo de dos grandes guerras y sufrió en medio del totalitarismo fascista. A finales de la década de 1920, sus obras de literatura infantil y didáctica dejaron de ser recomendables porque no estaban vinculadas a los ideales fascistas e incluso con las imposiciones de aislamiento, precariedad de las condiciones de vida, Arpalice se hizo eco en sus escritos de la defensa de la libertad, la justicia, la paz y la fraternidad humana. La escritora murió en su ciudad natal el 30 de marzo de 1958.

**Palabras-clave:** literatura infantil; biografía; historia de las mujeres; Historia de la Educación.

## 1 Introdução

*"Il maestro lo dice sempre: tutto il mondo è paese. E in America si fá fortuna"*  
[O professor diz sempre: todo o mundo é país. E na América se faz fortuna]  
(Cuman Pertile, 1920, p. 7, tradução própria).

A breve epígrafe que abre esse artigo foi retirada de obra escrita por Arpalice Cuman Pertile (1920) e menciona o professor sendo lembrado pelo menino Beppi, que integrava família com 9 pessoas e morava em Cadore, na província de Belluno, no Vêneto, Itália. O pai, regularmente, emigrava para trabalhar no exterior. Beppi frequentava a escola e ajudava a família em pequenos trabalhos, como cuidar do pastoreio das cabras. Essas são as informações iniciais do pequeno livro de leitura *Il Piccolo Emigrante*, escrito pela professora e escritora Arpalice Cuman Pertile e publicado em 1920 pela editora G. B. Paravia, que integrava a *Collezione di letture per la infanzia* [Coleção de leituras para a infância]. Trata-se de uma obra repleta de representações sobre a emigração italiana entre o fim dos anos oitocentos e as primeiras décadas do noventa. Esse pequeno livro foi selecionado entre tantos existentes na *Biblioteca Comunale Centrale Sormani* – em Milão – para a pesquisa sobre a história da escola italiana e seus materiais, incluindo livros escolares em terras brasileiras. Mais recentemente, investiguei e reuni outros materiais da autora analisada neste artigo, a professora, escritora e poetisa, Arpalice Cuman Pertile.

Arpalice Cuman Pertile nasceu em Marostica – norte da Itália – aos 12 de maio de 1876, tempo em que muitos de seus conterrâneos emigravam em direção às Américas. Em seu entorno, na infância, certamente testemunhou a partida de muitos emigrantes, em especial por viver na província de Vicenza, região do Vêneto de onde tantas famílias emigraram. Ela foi a primeira mulher de Marostica a alcançar a condição de formada no Ensino Superior em 1898 e se tornou professora da Escola Normal por um período quando seus discursos a favor da paz e sua não adesão ao fascismo impuseram sua exclusão da docência, além de seus livros, em parte, deixarem de ser recomendados. Escritora de inúmeras obras de literatura infantil, dentre elas *Il Piccolo Emigrante* (1920), publicado pela reconhecida editora G. B. Paravia foi ativa na defesa da paz e se manteve coerente com seus ideais. Entrelaçando aspectos biográficos da autora e de suas obras – em especial *Il Piccolo Emigrante* – nessa análise, intento analisar a relação de Arpalice Cuman Pertile, suas obras e as evidências da defesa de paz e liberdade, no contexto histórico italiano da primeira metade do século XX.

Por meio da análise documental histórica de livros, correspondências, fotografias e jornais, bem como de referencial bibliográfico, a narrativa permite entrever a história de vida de uma escritora e professora que presenciou duas grandes guerras e sofreu em meio ao totalitarismo fascista. Ao final da década de 1920, algumas de suas obras de literatura infantil e didáticas deixaram de ser recomendadas por não estarem vinculadas aos ideais fascistas; mesmo com as imposições de isolamento, precarização das condições de vida, Arpalice ecoou em seus escritos a defesa da liberdade, justiça, paz e fraternidade humana. Arpalice faleceu em sua cidade natal, aos 30 de março de 1958. Fazendo trocadilho com a expressão de Chartier (1996, p. 160), Arpalice Cuman Pertile foi uma mulher de letras, engajada, voltada aos estudos, à leitura e à escrita.

Na narrativa, busco encontrar os pontos de intersecção entre Arpalice – professora, autora, mulher e outras inscrições com o contexto social, cultural e político em que viveu. A “biografia [como] uma possibilidade de compreensão do verossímil por intermédio de múltiplas interpretações” (Carneiro, 2018, p. 56) permite analisar traços biográficos e pensar a complexidade de uma época. Abordar a vida, os contornos biográficos da professora Arpalice não para biografá-la, mas para conectar

sua vida ao contexto da época, para movimentar o olhar analítico e pensá-la como produtora de livros para a infância e como tais livros foram lidos e, de certo modo, interditados pelas mudanças políticas da Itália e suas concepções educativas.

O artigo está organizado em três movimentos analíticos. O primeiro apresenta aspectos biográficos da autora, situando-a em seu contexto e tempo de vida. O segundo elege uma de suas obras para pensar a produção de Arpalice no aspecto literário e escolar, demonstrando como tratou as questões sociais, caso da migração de massa transoceânica de italianos para as Américas e sua relação com a marcante desigualdade social. No último tópico, analiso as produções de Arpalice e o modo como foram sendo rechaçadas e interditas pelo Estado italiano, sob o período fascista, com especial atenção à constituição da política do livro único para todas as escolas do país. Finalizo apresentando algumas considerações possíveis a partir da análise empreendida.

## **2 Entre a pena, os livros e a vida, Arpalice Cuman Pertile, professora e escritora**

*“Accogli il libro come un amico. Esso ha per te le liete fantasie che ricreano, le parole buone che migliorano, le verità che ami conoscere e che daranno vigore alla tua mente”* [Receba o livro como um amigo. Ele tem para você as fantasias felizes que recriam, as boas palavras que melhoram, as verdades que você gosta de saber e que revigorarão sua mente] (Cuman Pertile, 1920, p. 2, tradução própria).

Arpalice Elisabetta Maddalena Cuman nasceu em Maróstica, norte da Itália, aos 12 de maio de 1876, filha de Sebastiano e Angelica Cuman. O pai era chaveiro e participou, como fundador, da *Banca Popolare di Marostica*. O município de Maróstica, no final da década de 1860, contava com cerca de 3.300 habitantes e, em 1909, alcançou os 5.543. Na comuna prevalecia uma economia rural de pequenas e médias propriedades, que contavam com a presença de meeiros e arrendatários (Muraro, 2022). O trabalho adicional era com trança e chapéus de palha de trigo e aqueles que não obtinham recursos suficientes não tinham outra escolha, a não ser emigrar. E o processo migratório para as Américas foi um dos destinos mais recorrentes para as famílias de Maróstica<sup>1</sup> e região. Na figura a seguir, no final do oitocentos, uma das

---

<sup>1</sup> Trento (2022, p. 40) afirma que “[...] o componente vênето constituirá, por longo tempo, o elemento mais numeroso da nossa emigração para o Brasil” em especial para as regiões meridionais do país. Maróstica pertence a região do Vênето.

fábricas de chapéus de palha do Vale de São Floriano, com o trabalho feminino prioritariamente contratado entre julho e outubro de cada ano. A presença de algumas crianças pequenas é marcante, e a figura nos permite pensar o contexto socioeconômico do período.

Figura 1 – Fábrica de chapéus de palha e o trabalho feminino, final do oitocentos



Fonte: Atti [...], 1986, p. 129.

Mesmo após a unificação da Itália, poucos participavam da vida política, sendo que em 1866 apenas 283 homens estavam na lista de eleitores. A administração local, da comuna, ficava reservada a um pequeno grupo de privilegiados financeiramente. Conforme Targhetta (2013), as dificuldades financeiras vividas pela família de Arpalice fizeram com que, em 1879, eles se transferissem para Torino. Ali Arpalice frequentou o jardim da infância (Muraro, 2022). Poucos anos depois, retornam para Maróstica e ela prosseguiu os estudos na escola elementar, concluindo-os em 1889.

Aos dez anos perdeu a mãe pela cólera e logo depois, a avó Elisabetta Cuman, importantes figuras na vida de Arpalice (Targhetta, 2013). Ela ganhou uma bolsa de estudos no internato da Escola Normal de Verona onde permaneceu até 1893. Como refere Perrot (2005, p. 285-286), as mulheres se dedicaram, quando puderam ter

profissões, a “Ensinar, cuidar, assistir: esta tripla missão constitui a base de ‘profissões femininas’ que levarão, por muito tempo, a marca da vocação e do voluntariado”. Nesse caminho seguiu Arpalice, passando a dedicar-se ao ensino. Em Maróstica – logo após seu retorno – houve a convocação para o cargo de professor, um concurso do qual Cuman participou, mas que a conselho de um tio chamado Melchiorre, desistiu e se inscreveu no Instituto Superior de Magistério de Firenze de onde retornou como a primeira graduada de Maróstica em 1898 (Targhetta, 2013).

Arpalice passou a lecionar no Teatro Social e a trabalhar em prol da criação de um jardim de infância para acolher as crianças, considerando que muitas mães trabalhavam na nascente manufatura local, especialmente aquela dedicada a produção de chapéus de palha. Cuman sentia a necessidade de um local para que as crianças pudessem ser acolhidas, enquanto as mães trabalhavam. Ela compreendia e valorizava a educação como oportunidade de superação das desigualdades sociais marcantes no período. Anunciavam-se as primeiras preocupações e a sensibilidade de Arpalice Cuman às questões sociais, “*uma sorta di umanesimo Cristiano*” [um tipo de humanismo cristão] afirma Targhetta (2013, p. 418, tradução própria).

Em 1898, recomendada pelo tio Melchiorre, Arpalice assumiu o ensino de Italiano no *Istituto Nazionale Figlie dei Militari di Torino* e no ano seguinte, passou em concurso para ministrar aula na escola normal de Vicenza (*Scuola Normale di Vicenza*). Em 1904, aos 13 de fevereiro, Arpalice se casou com o também professor e amigo de infância, Cristiano Pertile (Targhetta, 2013). Com Cristiano dividiu a vida e as paixões por ensinar, pela cultura, pela literatura, mas também o posicionamento ideológico contrário à guerra (Primeira Guerra) e a não adesão ao fascismo em 1922<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Na extensão desse artigo, não é possível aprofundar a situação político-econômica da Itália no período entreguerras, mas o modo como a política acontecia passou por mudanças significativas. Como afirmou Hobsbawm (2014, p. 503-504): “Giovanni Gilliotti (1842 – 1928), da Itália, [...] notavelmente bem-sucedido na administração da política italiana no início do século XX: conciliando e domesticando os trabalhadores, comprando apoio político, mudando de posição e negociando, concedendo, evitando confrontos. Na situação socialmente revolucionária de seu país no pós-guerra, tais táticas falharam totalmente. A estabilidade da sociedade burguesa foi recuperada por meio de gangues armadas de ‘nacionalistas’ e fascistas da classe média, numa verdadeira guerra de classes contra um movimento de trabalhadores incapaz de fazer uma revolução. Os políticos (liberais) os apoiaram, com a vã esperança de poder integrá-los ao sistema. Em 1922, os fascistas assumiram o governo, após o que a democracia, o Parlamento, os partidos e os antigos políticos liberais foram eliminados. [...] De 1920 a 1939, os sistemas democráticos parlamentares praticamente desapareceram na maioria dos Estados europeus, comunistas ou não”.

A luta pela paz e por justiça social marcaram sua união. Na imagem a seguir, o casal Cristiano e Arpalice Cuman Pertile, sem data identificada.

Figura 2 - Cristiano Pertile e Arpalice Cuman Pertile



Fonte: acervo da família Pertile, reprodução de Contin, 2022, p. 121.

Arpalice, em convívio com o esposo, que foi secretário da Federação Nacional dos Professores do Ensino Médio e identificado com ideais socialistas e anticlericais, foi acentuando sua leitura do mundo e ampliando a atuação com aulas na Escola Livre Popular<sup>3</sup>, na associação de professores, na colaboração para implementação da biblioteca circular entre operários e na elaboração dos primeiros livros escolares. Ela e o marido foram penalizados pelos posicionamentos, pois ela perdeu a possibilidade de manter-se como docente na escola normal por “incapacità, una formula intesa a nascondere” [incapacidade, uma fórmula destinada a esconder] (Targhetta, 2013, p. tradução própria) os motivos reais, também informada como diminuição do número de cátedras. Em janeiro de 1915, ela participou de um comício no cinema Odeon em Vicenza em que declarou ser contra o conflito (anti-interventista) e favorável à paz – que desejou durante toda a vida. Tal posicionamento foi forte e os efeitos de sua fala tiveram repercussão nos anos seguintes. A perda da condição de docente e o exílio

---

<sup>3</sup> *Scuole Liberi Popolari* criada em 1904 no interior da *Società Generale di Mutuo Soccorso*.

para ambos os faz mudar-se para Firenze, Gênova e Novara. Foram tempos difíceis para o casal, mas Arpalice se manteve produtiva em relação à escrita de livros.

Atenta à emancipação feminina, aos direitos dos trabalhadores e à saúde, foi uma autora fecunda. Mesmo que como professora não tenha tido oportunidade de atuar nos anos seguintes<sup>4</sup>, como escritora e poetisa, em sua vida, publicou mais de 90 títulos entre poesias, contos, cenas dialogadas, textos musicais e obras escolares. Aos poucos, constrói a ideia de ensinar encantando as crianças e, em suas obras, buscou concretizar tal ideal. Escreve promovendo uma educação para o encantamento, passando pela música e pela recitação como fundamentos.

Para Perrot (2007, p. 99), “No século XIX e XX, elas [as mulheres] conquistaram a literatura, o romance, em particular se tornou o território das grandes romancistas”, mas não apenas. No caso de Arpalice, a coleção *Primi voli* foi publicada em 1909 pela editora Bemporad, sendo a mais duradoura, apesar das dificuldades persecutórias que sofreu, mas foi mantida no catálogo. Também *Per le vie del mondo* para a escola elementar. Ela também se correspondeu com os estudantes leitores e usuários de seus livros, como afirma Vagliani (2022). Ela escreveu utilizando também o pseudônimo *Della Gioconda* (Contin, 2022, p. 14). Arpalice e o marido dividiram ideais e escolhas corajosas afirma Liliana Contin (2022), sendo expressão de uma mulher das letras e uma intelectual do período, como reconhece Perrot em seus estudos.

As professoras primárias são, há muito tempo, mulheres engajadas: pela educação das meninas [...], pelo socialismo, ou mesmo pela Revolução [...] elas militam no sindicalismo. Aderem ao feminismo. Algumas tomam partido a favor da contracepção e do aborto e enfrentam os tribunais. As professoras primárias são as primeiras intelectuais (Perrot, 2007, p. 127).

Arpalice dedicou parte da vida ao voluntariado cultural, sendo ativa no campo sociocultural, propagando, em seus livros, uma educação pelo encantamento e inspirando a paz, a justiça e a liberdade. No inverno de 1937, falece seu esposo Cristiano; ela sobrevive mais tempo, até 1958, quando deixa um legado substancial em suas obras e formas de posicionar-se mediante o contexto de vida. No subitem a seguir, analiso uma das obras de Arpalice que demonstra a forma como escrevia

---

<sup>4</sup> O impedimento, durante o período fascista, de os professores que não aderiam ao regime, atuarem na docência foi uma realidade e mesmo com uma ‘resistência silenciosa’ de tantos, outros preferiram não compactuar. Sobre o tema, ver Gabrielli e Montino (2025).

literatura e tocava questões sociais relevantes para o contexto italiano da época: a migração em massa transoceânica e sua relação com as desigualdades sociais.

### 3 O contexto sociocultural e os livros escritos por Arpalice Cuman Pertile

*“Torneremo ricchi, mamma, torneremo coll’oro”* [retornaremos ricos, mamãe, retornaremos com ouro] (Cuman Pertile, 1920, p. 7, tradução própria).

A esperança do enriquecimento, de uma vida melhor advinda do fenômeno migratório, foi tema que cercou a infância e se estendeu por parte da vida de Arpalice. Sua sensibilidade ao contexto social e às condições de vida de muitos de seus conacionais é evocada e ecoa em suas narrativas literárias. Não é diferente na obra *Il Piccolo Emigrante*. Ademais, a extensa obra publicada por Arpalice que englobou livros escolares, poesias, peças teatrais e livros de leitura para crianças tem traços do desejo da autora por paz, vida digna e justiça social. Como afirma Mariela Colin (2012), em suas publicações de pequenos volumes com versos e “*indiovinelle*” [adivinhações], a criança poderia ampliar seu vocabulário, divertindo-se. As formas métricas simples, as rimas fáceis foram características comuns em suas obras, e o encantamento foi um traço que marcou suas obras. Tudo sem deixar de sensibilizar o leitor para as agruras que marcavam o contexto em que viviam, lembrando das diferenças e desigualdades.

Em *Il Piccolo Emigrante* a narrativa é repleta de representações das agruras e dificuldades que marcavam a vida de tantas famílias. Como mencionado, Arpalice (1920) inicia colocando no centro da narrativa Beppi: um menino que vive na área rural com uma família numerosa, de nove integrantes. O pai emigrava para trabalhar no exterior, Beppi frequentava a escola e ajudava a família em pequenos trabalhos. Mas no retorno da emigração temporária, o pai de Beppi, desanimado com o pouco ganho e a fome evidente que se avizinhava, pediu que o filho escrevesse para o Secretário de Emigração de Belluno, pois desejava ir para a América ‘tentar a sorte’. Aqui emerge a denúncia do pai analfabeto e a pobreza da família. Na sequência, a mãe de Beppi, Rosa, é representada como inconsolada, tentando primeiro convencer o marido a não ir, mas se resignando mediante a impossibilidade de sobreviver. O filho menciona que o professor falava que o mundo é um país e que, na América, se podia fazer fortuna.

A animação de Beppi fez com que o pai decidisse que ele também emigraria, para colaborar. A ideia do enriquecimento e do retorno certo subsidia a narrativa.

No dia da partida, um pouco antes do amanhecer, Beppi acorda para iniciar a longa viagem. Comem polenta, a mãe com olhos inchados, os irmãos agitados e partem. O pai carrega um pequeno saco de roupas nas costas e Beppi também. Na despedida, Beppi “*si attaccò al collo dela mamma e scoppìò in singhiozzi*” [se agarrou ao pescoço da mãe e começou a soluçar] (Cuman Pertile, 1920, p. 10, própria). Cuman Pertile (1920) descreve que toda a família se emociona, inclusive o Pai que, tantas vezes, anteriormente, havia partido. Pai e filho seguem pela Itália Setentrional até o Porto de Gênova por dois dias e uma noite. Fizeram a visita médica de praxe e aguardaram o lugar para partir na terceira classe. Cuman Pertile (1920) descreve que Beppi observava o número cada vez maior de pessoas que chegavam e em suas palavras:

Eram homens dispersos, com traços de um trabalho asfixiante e fome, mulheres desgastadas pela labuta e pelas dificuldades, crianças pálidas e maltrapilhas. Podia-se ouvir vários dialetos e nomes de vilarejos perdidos nas montanhas, ou nos campos de arroz da Lombardia e Piemonte, ou ao longo da Maremma, misturados com entes queridos deixados talvez para sempre<sup>5</sup> (Cuman Pertile, 1920, p. 11, tradução própria).

A representação do tecido social italiano, a miséria, a fome, Arpalice registra no pequeno livro, o fenômeno da migração e suas causas. É chegada a hora de partir, o navio a vapor, *Cristoforo Colombo* passa a receber a peregrinação de emigrantes que partiam sob a força da miséria e a dor da partida. A autora não deixa de mencionar que sobem também aqueles de primeira e segunda classe, em pequeno número, bem-vestidos. Mas são os de terceira classe que se avolumam e se apertam no pequeno espaço para tantos. A despedida, os sentimentos controversos, as lágrimas se confundindo com a esperança, e dias se seguindo entre céu e água. Arpalice menciona que dois acontecimentos foram distintos num contínuo de céu e mar: o nascimento de um menino que foi chamado de Colombo em homenagem ao nome da embarcação e o falecimento de um idoso, tristemente largado ao mar.

---

<sup>5</sup> No original: “Erano uomini sparuti con le tracce di un lavoro asfissiante e della fame, donne consumate dalle fatiche e dagli stenti, bambini pallidi e cenciosi. Si sentivano vari dialetti e nomi di paeselli sperduti fra i monti, o nelle risaie della Lombardia e del Piemonte, o lungo la Maremma, misti di persone care lasciate forse per sempre” (Cuman Pertile, 1920, p. 11).

Representações antagônicas do nascer e morrer presentes na narrativa. Se a literatura é processo de humanização, como bem situa Antonio Candido (2002), Arpalice, nesta e em outras obras, coloca centralidade para o trabalho, a desigualdade, a fome, as dores e as esperanças tão comuns em nossa humanidade.

A chegada a Nova York ocorreu em silêncio. Dois dias depois, Beppi e o pai são transportados para a fazenda para onde se direcionavam, sendo que o Pai teria ido trabalhar no cuidado e cultivo do café, e o menino a pequenos afazeres da fazenda. Aqui merece menção que a escolha da fazenda e do café para a narrativa não parecem corresponder ao que era mais comum para a realidade de trabalho para aqueles que migraram e aportaram em Nova York, mas sim para São Paulo, no Brasil. As condições ali descritas também são das dificuldades que o Pai e Beppi vivem, mas que estavam cientes das leis de proteção e, numa certa noite, ambos fogem da fazenda. Em cidade vizinha se apresentam ao Cônsul a quem pedem ajuda. Descrevem a situação deixada na Itália e a vivida na condição de imigrantes. O Cônsul os encaminha para a Dante Alighieri e lhes foi oferecido um trabalho para Beppi em uma rica família italiana; para o pai, numa mina de carvão. O trabalho na mina é descrito como horrível, mas rende dinheiro para ser enviado para a família na Itália. O pai fica cada vez mais magro, mas o que importava, questiona a autora. Enviara em três anos, mais quatro mil liras para a família. As correspondências trocadas com a família na Itália eram frequentes, com palavras de incentivo para que os filhos Rino e Maria continuassem frequentando a escola. Aqui, a representação das remessas de valores dos imigrantes para a Itália e o desejo pela escolarização, como promessa de um futuro melhor.

Beppi tinha alcançado a função de garçom, aprendera o inglês e o espanhol, mas continuava a ler 'com amor' jornais e livros em italiano. Sobre os ganhos, Arpalice descreve que ele recebia cem liras limpas ao mês:

Pobre Beppi! Setenta ele dava ao pai para mandar para casa, cinco ele guardava para si mesmo e vinte e cinco ele reservava para surpreender a mãe quando voltasse: ele lhe compraria uma vaquinha, para que a família sempre tivesse um leite gostoso. Ah, o retorno à Itália, à sua casa, à sua mãe,

era o sonho ardente de todas as horas!<sup>6</sup> (Cuman Pertile, 1920, p. 15, tradução própria).

Um acidente na mina onde o pai trabalhava é descrito pela autora, assim como a angústia, o medo e o acompanhamento de Beppi na espera de que o pai fosse resgatado vivo. O trabalho de resgate, a retirada de corpos, alguns com vida, outros não, e Beppi é chamado, inicialmente não reconhece o pai. O corpo, o rosto estão todos sujos, mas o chama e com uma mão erguida, num gesto final o saúda. Nada mais se pode fazer, a morte o levou e Beppi em desespero afirma que retornaria para a família na Itália. Não pode permanecer tão longe na América sozinho, sem ver a mãe e os irmãos. Os corpos foram sepultados. O Cônsul acompanhava o féretro de tantos italianos mortos no acidente da mina.

Em duas semanas, partiu a a bordo do *Americo Vespuccio*, voltava para a Itália. No navio, encontrou um senhor que o convidou para que cantasse, acompanhando-o ao piano. Beppi cantou para os viajantes da primeira classe e com isso garantiu mais um pequeno valor que o ajudou a prosseguir a viagem sem gastar mais das economias que tinha guardado e esperava apresentar a mãe e os irmãos com a compra de uma vaca. De Gênova a Belluno seguiu de trem, depois um pouco a pé, um pouco de carona e chegou na casa. Escurecia. Ninguém estava ao lado de fora e Beppi é descrito como alguém que tremia mediante a necessidade de contar para a mãe e os irmãos sobre a morte do pai.

Beppi abriu a porta e reencontrou a mãe que o abraçou e encheu de beijos, mas logo perguntou, e onde está teu pai? O choro, a dor, a notícia. Três meses depois, Beppi trabalhava assim como a irmã maior, Maria, pastoreando cabras. Havia comprado a vaca. A mãe foi chamada a apresentar-se ao prefeito que lhe noticiou que o marido não estava morto, tinha sobrevivido ao acidente, mas estava mudo. A narrativa sinaliza para as dificuldades para a repatriação, o sonho da família em ir ao encontro do pai que, finalmente, conseguira retornar à Itália. A venda de bens para alugar uma carroça e um cavalo para ir ao encontro do pai na estação de trem de Belluno. A expectativa do encontro, a emoção, a saudade, a dúvida sobre como o pai,

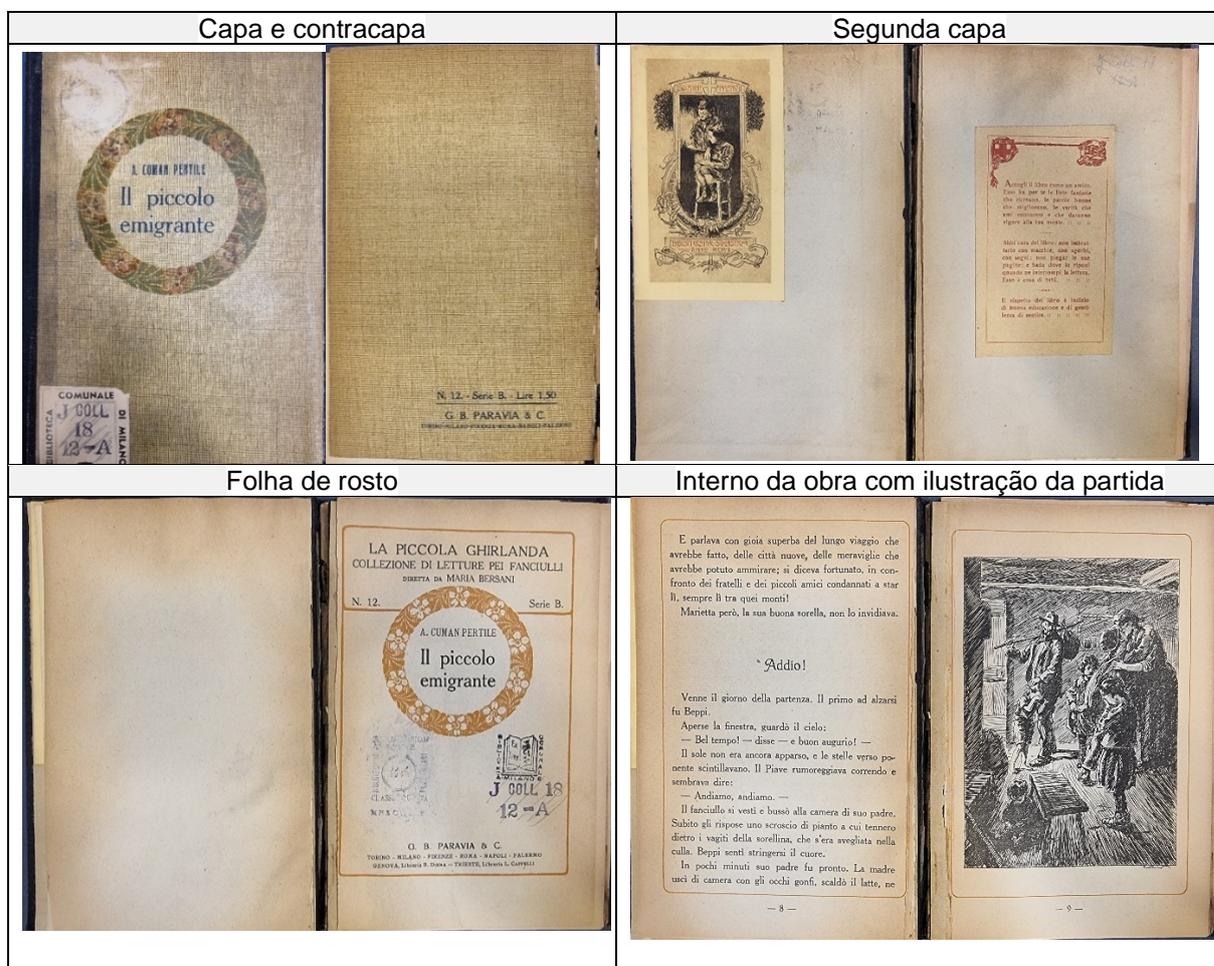
---

<sup>6</sup> No original: “Povero Beppi! Settanta ne dava al suo babbo, perchè le mandasse a casa, cinque l teneva per sè e venticinque le metteva da parte per fare una bella sorpresa alla sua mamma quando fosse tornato: le avrebbe comprato una vaccherella; così la famiglia avrebbe avuto sempre il latte saporito. Oh, il ritorno all’ Italia, alla sua casa, alla mamma sua, era il sogno ardente di tutte le ore!” (Cuman Pertile, 1920, p. 15).

agora mudo, reagiria. Na estação, avistam-no assim que desembarca e o abraçam. Um som é emitido, 'cari' (caros) exclama o pai, todos em surpresa [...] mas ele fala? O milagre do amor, conclui Arpalice, o curou.

Cuman Pertile retrata o fenômeno migratório e a obra tem a sensibilidade de perpetuar, em suas 37 páginas, algumas das marcas mais significativas do vivido na migração transoceânica de grandes proporções nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX. Como mencionado, a obra é a 12ª na coleção de 30 volumes e voltada para a 3ª e 4ª classe elementares. A descrição de seu enredo nos permite perscrutar um pouco mais do modo como Arpalice trabalha em seus livros questões sociais complexas, fortes e centrais para a Itália no período. No quadro a seguir, apresento algumas evidências da materialidade da publicação:

Quadro 1 – Apresentação da obra *Il Piccolo Emigrante*



Fonte: organização da autora.

Papel simples, poucas ilustrações – apenas três – de página inteira no interior da obra. Um livro para leitura dos escolares e que abordou importante problema social enfrentado pela Itália na pós-Unificação. Com essa apresentação, sinalizo para uma – dentre as tantas – obras de Arpalice que foi significativa para as questões sociais e a busca por justiça. Os posicionamentos nela contido vão ao encontro daqueles defendidos pelos que assumem o poder e configuram o fascismo, em especial entre os anos 1930 e 1940.

#### **4 As interdições e a produção de livros de Arpalice Cuman Pertile**

Na década de 1920, com a afirmação do fascismo na Itália, a produção e a aprovação de livros escolares recomendados para uso nas escolas públicas passaram a ser alvo de intensos debates. Como menciona Darnton (2016, p. 9), “A repressão dos livros [...] mostra como o Estado enfrentou a literatura no dia a dia, em incidentes que levam o relato para o interior da vida de personagens audazes ou infames, que operavam fora do balizamento da lei” e revelam momentos de “[...] experimentos feitos pelo Estado para controlar a comunicação” (Darnton, 2016, p. 8), com relevância para compreender o contexto histórico.

Sendo assim, os processos de indicação, seleção, escolha e recomendação de livros para a escola primária passaram por mudanças significativas e progressivas no período do fascismo. Em 1925 a comissão de seleção de livros, presidida por Giovanni Vidari, rejeitou 277 volumes dos 1.326 analisados. Vidari foi criticado pelos fascistas que desejavam que se refutasse os modelos liberais democráticos e fosse assumida uma ética da força e da audácia, afirma Galfré (2005).

A editora Bemporad se confirmou como uma das editoras mais profícuas com cursos de leitura, história, geografia e religião. Alguns dos livros de Arpalice Cuman Pertile publicados pela Bemporad estavam entre os indicados. Em 1926, com a revisão dos critérios e ampliação de leis político-ideológicas fascistas, o presidente, Balbino Giuliano, “[...] intelectual gentiliano e fascista convicto” (Galfré, 2005, p. 24-25) conduziu a seleção de livros, identificando que faltavam livros que ressaltassem o sentimento vivo de amor pela Itália e por suas glórias. Em 1927, a comissão de seleção de livros presidida por Michele Romano para quem a “[...] italianidade e a adesão ao fascismo exigia não só uma fé política, mas um ideal de vida” (Galfré, 2005,

p. 26, tradução própria) reitera a ausência de obras que ressaltassem o sentido formativo desejado.

O debate em torno da padronização nacional dos livros escolares e das leituras a serem realizadas, com a afirmação da proposta do texto único ganhou espaço e se consolidou. Tal encaminhamento representaria uma solução ao problema do livro escolar – fosse cultural ou econômico, analisa Galfré (2005). Entre 1928 e 1929, foram publicados decretos que exigiam a adequação dos livros para “[...] *dare al libro non solo la veste ma ache l’anima fascista*” [dar aos livros não apenas a roupagem, mas também a alma fascista] (Galfré, 2005, p. 27, tradução própria). Em janeiro de 1929, adota-se o livro do Estado com um texto único.

Conforme Tarquini (2011, p. 74):

A lei previa um único livro para as duas primeiras classes da escola primária, enquanto para as outras três introduzia textos diferenciados; ele deveria ser renovado a cada três anos, publicado pela Livraria do Estado e distribuído nas escolas por meio das sedes administrativas para educação pública, presentes nas várias províncias. A estética do livro também foi cuidadosamente seguida. Em sua estratégia de comunicação [...] o regime fez uso extensivo de imagens em livros infantis, que tinham de ter capas coloridas desenhadas pelos melhores ilustradores da época (tradução livre da autora)<sup>7</sup>.

A obra de Arpalice Cuman Pertile, *Primi voli* impresso pela Bemporad “*fu respinto perché ‘non sufficientemente pervaso di spirito nuovo’ malgrado l’autrice lo avesse reso a su dire ‘fascistissimo’*” [foi rejeitado porque 'não estava suficientemente imbuído do novo espírito', apesar de a autora tê-lo tornado 'muito fascista'"] (Galfré, 2005, p. 28, tradução própria). Na análise de Salviatti,

Como é sabido, após a reforma Gentile, foi criada uma comissão para examinar (aceitar ou rejeitar) os livros didáticos propostos pelas editoras para as escolas primárias. A primeira comissão, presidida pelo pedagogo Giuseppe Lombardo Radice, então Diretor Geral do Ensino Fundamental, concluiu seu trabalho em agosto de 1924. A Bemporad apresentou vários cursos, com destaque para os assinados por Arpalice Cuman Pertile, que haviam sido muito bem-sucedidos: *Primi voli* (Primeiros voos), em particular, havia vendido muito bem ao longo de quase vinte anos e com todas as revisões feitas. Mas o pequeno livro, embora muito apreciado pelos mestres,

---

<sup>7</sup> No original: La legge prevedeva un libro unico per le prime due classi della scuola elementare, mentre per altre tre introduceva testi differenziati; doveva essere rinnovato ogni tre anni, pubblicato dalla Libreria dello Stato e distribuito nelle scuole tramite i provveditorati agli studi, presenti nelle varie provincie. Anche l'estetica del libro fu seguita con cura. Nella sua strategia di comuncazione [...] il regime fece ampio uso delle immagini nei libri per l'infanzia che dovevano avere le copertine colorate, disegnate dai migliori illustratori dell'epoca (Tarquini, 2011, p. 74).

estava destinado a fracassar no confronto com a política. A comissão, de fato, coloca *Primi voli* na seção IV, que lista os ‘livros considerados bons em alguns aspectos, mas que, no entanto, não podem permanecer nas escolas, nem mesmo temporariamente, devido a certas deficiências graves’: os itálicos estão no texto e dizem muito mais do que as poucas palavras parecem conter. Entretanto, o comitê permite que os ‘livros rejeitados [nessa primeira rodada] possam ser reapresentados dentro de um ano, revisados e corrigidos, para reexame’. Em vez disso, dois outros manuais de Cuman Pertile foram admitidos: Sillabario (composto com Viola Musolon) e os quatro volumes de *Per le vie del mondo*, um livro que também foi um sucesso e classificado como digno de ‘elogios’, mesmo que, como observou a comissão, ‘em algumas partes, deva ser revisado em relação aos programas’ e também ‘deva ser reapresentado [...] dentro de um ano’ (Salviatti, 2022, p. 56)<sup>8</sup>.

Ascenzi e Sani (2005) transcrevem os documentos elaborados pelas Comissões centrais para o exame dos livros de texto de 1923 a 1928 e as obras de Arpalice são mencionadas em momentos diferentes. Em alguns recomendados, em outros, não. Para exemplificar, duas avaliações de anos diferentes da obra *Per le vie del mondo* – livro de leitura para a 5ª classe masculina e feminina. Observe-se no quadro a seguir:

Quadro 2 – Comissões de exame dos livros 1925 e 1926

Comissão de seleção	1925 – Comissão Vidari	1926 – Comissão Giuliano
Referência da obra	CUMAN PERTILE, Arpalice. <i>Per le vie del mondo</i> . Letture per la 5ª classe maschile e femminile. Editore R. Bemporad. Firenze, 1924.	CUMAN PERTILE, Arpalice. <i>Per le vie del mondo</i> . Letture per la 5ª classe elementare. Editore R. Bemporad. Firenze, 1926.
Avaliação recebida	“Il volume per la quinta di questo corso di letture è nuovo. Esso há molti pregi di forma e di sostanza, la lingua vi è scorrevole, il dialogo brioso e ben adattato ai ragazzi, lo stile caldo, spontaneo, personale. Si riscontra però un certo difetto nella parte	“Edizione decorosa. Il volume ha oggi forma migliore di quella per cui non fu approvato nel 1925. Sia per la struttura, sia per la sostanza questo libro oggi risponde alle

<sup>8</sup> No original: “Come è noto, a ruota della riforma Gentile, viene istituita una commissione per esaminare (ammettere o respingere) i manuali proposti dall’editoria per la scuola elementare. La prima commissione, presieduta dal pedagogista Giuseppe Lombardo Radice allora direttore generale dell’Istruzione elementare, conclude o lavori nell’agosto del 1924. Bemporad ha presentato diversi corsi, e la punta di diamante sono quelli firmati da Aspalice Cuman Pertile che avevano avuto grande fortuna: *Primi voli*, in particolare, in quasi vent’anni e con tutte le revisioni apportate, aveva venduto benissimo. Ma il piccolo libro, seppure tanto apprezzato dai maestri, è destinato ad infrangersi nello scontro con la politica. La commissione, infatti, inserisce *Primi voli* nella sezione IV, dove sono elencati i ‘libri giudicati per qualche rispetto buoni ma che, ciò malgrado, non possono restare nelle scuole, nemmeno in via transitoria, a cauda di talune gravi lacune’: il corsivo è nel testo e dice molto di più di quanto le poche parole sembrano contenere. La commissione consente tuttavia che i “libri rispinti [in quella prima tornata] possano essere ripresentati entro un anno riveduti e corretti, a nuovo esame. Vengono invece ammessi due altri manuali della Cuman Pertile: Sillabario (composto con Viola Musolon) e i quattro tomi de *Per le vie del mondo*, libro – anch’esso – di buon successo e valutato degno di ‘lode’ seppure., annota la commissione, ‘in qualche parte da rivedere in rapporto ai programmi’ e anch’esso ‘da ripresentare [...] dentro un anno’ (Salviatti, 2022, p. 56).

	dedicata all' educazione del sentimento patriottico, parte che invece, in relazione ai programmi, dovrebbe averre letture per la quinta più ampio e pieno sviluppo”.	esigenze didattiche della classe, alla quale è destinato.”
Tradução livre da autora	“O volume para a quinta série desse curso de leitura é novo. Ele tem muitos méritos de forma e substância, a linguagem é fluente, o diálogo é animado e bem adaptado às crianças, o estilo é caloroso, espontâneo e pessoal. Há, no entanto, um certo defeito na parte dedicada à educação do sentimento patriótico, uma parte que, em relação ao programa de estudos, deveria ter um desenvolvimento mais amplo e completo nas leituras para a quinta série”.	“Edição decente. O volume está em melhor estado hoje do que aquele para o qual foi aprovado em 1925. Tanto em estrutura quanto em conteúdo, este livro agora atende aos requisitos didáticos da classe a que se destina.”

Fonte: adaptado de Ascenzi e Sani, 2005, p. 500, 501 e 590.

As apreciações denotam não apenas nas obras de Arpalice, mas de outros autores, que as demandas de sentimento patriótico ganhavam, aos poucos, distintos sentidos. Faz pensar “[...] como o Estado avaliava as ameaças a seu monopólio de poder e como tentava se contrapor a tais ameaças” (Darnton, 2016, p. 8). Ainda, como afirma Galfré “[...] *la scuola diveniva così uno dei mezzi per orientare il futuro lettore, all' interno di un disegno volto a espandere e riunire settori tradizionalmente separati, che si dispiegherà negli anni Trenta*” [“a escola tornou-se, assim, um dos meios de orientar o futuro leitor, dentro de um projeto que visava à expansão e à união de setores tradicionalmente separados, que se desenvolveria na década de 1930”] (Galfré, 2005, p. 63, tradução própria). Dentre os sentidos, a afirmação de um ‘novo homem’, aquele que corresponderia aos ‘novos’ tempos sinalizados pela Itália fascista. Desse modo, a análise dos “[...] agentes do Estado vigiaram palavras, permitindo ou proibindo que aparecessem impressas e suprimindo-as conforme as razões de Estado, quando começavam a circular em forma de livro” (Darnton, 2016, p. 8). Bosworth em biografia de Mussolini afirma que

[...] o regime fascista atuava mais agressivamente do que no passado para controlar a educação de meninos e meninas. Em dezembro de 1925 o uso da saudação ‘romana’ foi tornado obrigatório nas escolas e, em outubro de 1926, Pietro Fedele, ministro da Educação, proclamou como dia da comemoração nacional o aniversário da Marcha sobre Roma. Em 1928 foi decretado que os livros escolares deveriam ser submetidos ao estrito controle do Estado (embora a comissão então encarregada da supervisão só se reunisse em 1929). (Bosworth, 2023, p. 283-284).

Para Arpalice e – certamente – para outros autores, as condições de seleção e de denegação geraram dificuldades, inclusive financeiras. Galfré (2005) transcreve um trecho de correspondência de Arpalice para Bemporad em 22 de outubro de 1925:

Muitas vezes tive de pensar, formada pela experiência, que a Casa Bemporad vem publicando autores e livros demais, mesmo bons, nos últimos anos, talvez por necessidades editoriais que não posso conhecer e muito menos discutir, e que, portanto, a luta contra ela e seus autores mais esquematicamente queridos é e deve ser cada vez mais acirrada para se chegar ao ameaçado e às vezes até desejado livro de Estado<sup>9</sup> (Galfré, 2005, p. 63, tradução própria).

A troca de correspondências foram frequentes; as dificuldades sinalizadas pela autora, comuns. Também a necessidade de pagamento pelo trabalho de autoria de obras foi evidenciada na troca de cartas. Cabe reconhecer que a disputa entre as próprias editoras foi significativa, posto que a venda de livros escolares representava parte significativa, se não preponderante dos recursos do negócio. Mondadori e Bemporad foram – certamente – as autoras que mais se afirmaram no período, não sem movimentos da editora Vallardi, Paravia e Sandron, como afirma Galfré (2005) e exemplifica: *“Nel 1924 Sandron cerco di strappare Primi voli di Cuman Pertile alla Bemporad e l’anno successivo, non essendogli riuscita l’operazione, ne impedì le adozioni con mezzi non troppo leali”* [Em 1924, Sandron tentou arrancar da Bemporad o *Primi Voli* de Cuman Pertile; no ano seguinte, não tendo conseguido, impediu sua adoção por meios não muito justos] (Galfré, 2005, p. 65, tradução própria).

O poder da palavra impressa e o controle sobre sua circulação em especial em textos que seriam distribuídos para as escolas, coloca em evidência o intuito de que “Desenvolvendo um sistema educacional que combinaria esporte e uma herança positiva da guerra, o ensino fascista forjaria uma ‘nova classe dirigente’” (Bosworth, 2023, p. 285). No caso de Arpalice, como afirmou Colin (2012, p. 440)

Os efeitos da fascistização da escola e da produção didática se estenderam a outros campos da cultura infantil, onde o Estado usou seus poderes ao máximo para silenciar vozes inaceitáveis e restringir o conteúdo e a circulação de obras. De fato, nenhum texto antifascista foi publicado, e os

---

<sup>9</sup> No original: “Molte volte ho dovuto pensare, ammaestrata dall’esperienza che la Casa Bemporad sia andata pubblicando, in questi ultimi anni, forse per necessità editoriali che io non posso conoscere e molto meno discutere, troppi autori e troppi libri anche buoni e che perciò la lotta contro di lei e de’ suoi autori più schettamente amati si faccia e si debba fare sempre più accanita per giungere al minacciato e talvolta quassù perfino auspicato libro di Stato” (Galfré, 2005, p. 63).

escritores socialistas pararam de escrever (como Virgilio Brocchi) ou seguiram seus instintos quanto aos assuntos a serem evitados e se refugiaram na escrita de contos de fadas para os mais jovens (como Arpalice Cuman Pertile)<sup>10</sup>.

Cuman Pertile seguiu produzindo outras obras e publicando-as, sem que – necessariamente – sua contribuição para os livros escolares deixasse de existir. As obras literárias que foram possíveis durante os anos 1930 e seguintes, tratam de contos, poesias, narrativas diversas, inclusive voltadas para o teatro ou a religiosidade. Na apresentação do quadro a seguir, reúno uma pequena seleção de publicações de Arpalice que puderam circular entre o final da década de 1920 e início dos anos 1940. Das selecionadas, todas tiveram mais do que duas edições e são uma pequena parte do que Arpalice escreveu no período.

Quadro 3 – Algumas das obras de Arpalice Cuman Pertile entre 1920 - 1940

Capa da obra	Referência	Observações
	<p>Piccoli viaggiatori del cielo, della terra e del mare, editado pela Casa Editrice Paravia (Torino) em 1936.</p>	<p>Obra com 150 páginas, publicado em tamanho 21cm por 27,5 cm, capa colorida e ilustrações no interior em preto e branco. Ilustrações de Elida Cenni.</p> <p>Obra com poesias e contos que narra sobre viagens, apresentando por meio da narrativa fauna, flora, costumes da Itália e de muitos outros lugares do mundo – pelos meios de locomoção diversos – por terra, no mar e no ar, como menciona o título.</p>
	<p>I Racconti di Nonno Proverbio com primeira edição de 1925 segunda de 1944, também pela Casa Editrice Paravia (Torino).</p>	<p>Obra com 102 páginas, com capa colorida e ilustrações internas de página inteira também coloridas e feitas por Pinochi, provavelmente Enrico Mauro Pinochi que nos anos 1940 imigrou para a Argentina.</p> <p>O livro é dedicado a contos narrados pelo personagem Proverbio, um Vovô que era filho da Sapiência e neto da Experiência, como consta no início da obra.</p>

<sup>10</sup> “Gli effetti prodotti dalla fascistizzazione della scuola e della produzione didattica si riversano sugli altri campi della cultura dell’infanzia, dove lo Stato utilizzò fino in fondo i propri poteri per ridurre al silenzio le voci inaccettabili e per contrare il contenuto e la circolazione delle opere. Non è stato infatti pubblicato nessun testo antifascista, e gli strittori socialisti hanno smesso di scrivere (come Virgilio Brocchi), oppure hanno seguito il loro istinto circa i soggetti da evitare e si sono rifugiati nella scrittura di fiabe per i più piccini (come Arpalice Cuman Pertile)”. (Colin, 2012, p. 440).

	<p>Per i bambini, quadri, novelle, poesie publicado pela Casa Editrice Paravia (Torino) em três edições de 1928, 1931 e 1937.</p>	<p>Na edição de 1928, a capa conta com ilustração simples, pequena, sem uso de colorido. Nas edições posteriores o projeto gráfico ganhou melhorias, com uso de cores e um papel de qualidade superior. Livro dedicado à poesias e pequenas histórias.</p>
	<p>La Storia Più bela narrata ai fanciulli nel paese di Gesu de 1930, depois a a segunda edição de 1933. Editado pela Casa Editrice S. E. I. de Torino.</p>	<p>Obra que contava com 155 páginas. Foi editado posteriormente em diferentes momentos. Nesta obra e em outras publicadas por Arpalice pela Casa Editrice S.E.I. o tema religioso é abordado com uma narrativa simples e acessível, voltado para o público infantil. Histórias bíblicas são recontadas pela autora.</p>
	<p>Il teatro di Bengodi, dialoghi e commedie per la recitazione dei fanciulli e per le feste scolastiche, 1926, editado pela Casa Editrice Mondadori, Milano.</p>	<p>Obra com 276 páginas, publicado numa das mais importantes editoras, a Mondadori. Ilustrado por E. Pinochi, G. Rivolo e A. Gabrielli, a obra circulou e foi referência importante para atividades escolares. Obra reúne pequenos diálogos, histórias engraçadas, poesias e textos para esquetes.</p>

Fonte: organização da autora a partir de Atti [...], 1986.

Os livros de Arpalice revelam a versatilidade da escritora, seu vasto conhecimento e sua dedicação para a escrita. De um modo geral, além do amor pelo conhecimento, suas mensagens em nome da paz, da liberdade, da justiça social transparecem nos contos e pequenas histórias que narrou. Após o fim da Segunda Guerra, Arpalice retomou a publicação de seus livros escolares, em especial a coleção *Primi Voli*. Além da escrita, dedicou seus últimos anos de vida também no ensino particular para alguns poucos estudantes.

## 5 Considerações finais

*“[...] feminilidade, não como um fato da natureza, mas como um produto da cultura e da história”* (Perrot, 2007, p. 100).

A vida da escritora, poetisa, professora, intelectual e ‘mulher das letras’, Arpalice Cuman Pertile não pode ser reduzida a estas páginas e esse não foi o intuito. Pequenas brechas de sua vida compõem para pensar o contexto em que viveu, em meio a um tempo de profundas transformações que lhe permitiram acessar a universidade e atuar como escritora. Tempos entre as lutas pela emancipação feminina, de um lado, e os cerceamentos da liberdade, de outro, quando sofreu represálias por seu posicionamento político-ideológico. Arpalice em sua história de vida representa uma intelectual engajada no tempo, dedicada à educação das crianças seja como docente ou como escritora. Lutou pela paz e pela liberdade, deixando transparecer, em suas obras, a crítica social contra a pobreza, a exemplo da obra *Il Piccolo Emigrante* (1920). Destaco ainda sua contribuição para escrever obras com o intuito do encantamento das crianças tendo como fundamentos a música e a recitação.

Profícua como professora e como escritora, Arpalice narra em *Il Piccolo Emigrante* desventuras do menino Beppi, seu Pai e a família como um todo, que representa tantas outras, que sonhavam com a oportunidade de uma vida melhor e que resolvem emigrar. A emigração gerada como necessidade mediante a pobreza e a fome, a tristeza da despedida e a promessa de uma vida melhor para todos. O lugar do protagonista Beppi – o menino que também emigra – deixa a escola e vive as intensidades de uma experiência narrada com sensibilidade por Arpalice. Na narrativa, há o retorno, mas, na história, a maior parte dos que foram para a América (e outros destinos ainda mais distantes, como a Austrália) não voltaram para a Itália. A leitura da obra entre as crianças italianas tocando em tema que era silenciado, mas que sinalizava para as intensas desigualdades sociais, é um exemplo, dentre tantos, do que Arpalice construiu como narrativas literárias conjugadas com as lutas contra a desigualdade. Ela mesma viveu as interdições, por conta de seus posicionamentos políticos e pela defesa da paz e da democracia.

Hoje o trabalho de Arpalice Cuman Pertile é reconhecido por meio da concessão do Prêmio Nacional de Literatura para a Infância, o *Marostica citta di Fiabe*

– *Arpalice Cuman Pertile*: um concurso bianual aberto para todos que queiram apresentar textos inéditos em língua italiana, em temas livres para crianças e jovens dos três aos 11 anos. Tal premiação foi instituída em 1988, pensado e proposto por Licia Toniolo Serafini e como homenagem e reconhecimento ao trabalho de Arpalice Cuman Pertile. Trata-se de uma forma de reconhecimento a uma escritora que, em seu testamento, deixou para a Comune de Marostica os direitos de autoria com o pedido de devolver o percentual anual da venda de seus livros para um prêmio aos melhores estudantes das classes elementares com a entrega de um de seus livros com uma dedicatória que estimulava os estudantes ao estudo, trabalho e à bondade (Contin, 2022, p. 19).

A busca pela paz, liberdade, justiça social e a bandeira da educação motivaram a existência de Arpalice e fizeram eco em tempos em que a Itália vivia intensas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Seus desejos e sua luta alcançaram o ultramar, pois seus livros também circularam em terras brasileiras. Arpalice Cuman Pertile legou extensa obra e sua história inspira a pensar também nas interdições sofridas, na importância da democracia, da paz e da compaixão humana.

## REFERÊNCIAS

- ASCENZI, Anna; SANI, Roberto. **Il libro per la scuola tra idealismo e fascismo**: i' opera della Commissione centrale per l' esame dei libri di testo da Giuseppe Lombardo Radice ad Alessandro Melchiori (1923-1928). Milano: Vita e Pensiero, 2005.
- ATTI del Convegno Arpalice Cuman Pertile, marosticense, scritte e poetessa dell' infanzia. Marostica: Comune di Marostica, 1986.
- BOSWORTH, Richard J. B. **Mussolini**: a biografia definitiva. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2023.
- CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- CARNEIRO, Deivy Ferreira. Os usos da biografia pela micro-história italiana. *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bisso. **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 33-57.
- CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COLIN, Mariella. **I bambini di Mussolini**: letteratura, libri, letture per l' infanzia sotto il fascismo. Brescia: La Scuola, 2012.
- CONTIN, Liliana *et al.* **Atti del convegno di Studi Arpalice Cuman Pertile**. Marostica: Edizione Comune di Marostica, 2022.
- CUMAN PERTILE, Arpalice. **Il Piccolo emigrante**. Torino: G. B. Paravia, 1920.
- CUMAN PERTILE, Arpalice. **Piccoli viaggiatori del cielo, della terra e del mare**. Torino: Casa Editrice Paravia, 1936.
- CUMAN PERTILE, Arpalice. **I Racconti di Nonno Proverbio**. Torino: Casa Editrice Paravia, 1925.
- CUMAN PERTILE, Arpalice. **Per i bambini**: quadri, novelle, poesie. Torino: Casa Editrice Paravia, 1928.
- CUMAN PERTILE, Arpalice. **La Storia Più bela narrata ai fanciulli nel paese di Gesu** Torino: Casa Editrice S. E. I. de Torino, 1930.
- CUMAN PERTILE, Arpalice. **Il teatro di Bengodi**: dialoghi e commedie per la recitazione dei fanciulli e per le feste scolastiche. Milano: Casa Editrice Mondadori, 1926.
- DARNTON, Robert. **Censores em ação**: como os estados influenciam a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GABRIELLI, Gianluca; MONTINO, Davide. **La scuola fascista**: istituzioni, parole d' ordine e luoghi dell'immaginario. 2. ed. Verona: Ombre Corte, 2025.
- GALFRÉ, Monica. **Il regime degli editori**: libri, scuola e fascismo. Roma Bari: Laterza, 2005.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios (1875 – 1914)**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MURARO, Giuseppe Antonio. Noite sulla famiglia Cuman e sulla realtà di Marostica nella segunda mettà dell'Ottocento. *In*: CONTIN, Liliana *et al.* **Atti del convegno di Studi Arpalice Cuman Pertile**. Marostica: Edizione Comune di Marostica, 2022. p. 21-30.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SALVIATTI, Carla Ida. Un piccolo libro, una piccola scrittice e la grande storia. *In*: CONTIN, Liliana *et al.* **Atti del convegno di Studi Arpalice Cuman Pertile**. Marostica: Edizione Comune di Marostica, 2022. p. 53-61.

TARGHETTA, Fabio. Cuman Pertile Arpalice. *In*: **DBE**: Dizionario biografico dell'educazione 1800-2000. Milano: Editrice Bibliografica, 2013. v. 1, p. 418-419.

TARQUINI, Alessandra. **Storia dela cultura fascista**. Bologna: Il Mulino, 2011.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: editora da UNESP, 2022.

VAGLIANI, Pompeo. Il fondo Arpalice Cuman Pertile della Fondazione Tancredi di Barolo di Torino. CONTIN, Liliana *et. al.* **Atti del convegno di Studi Arpalice Cuman Pertile**. Marostica: Edizione Comune di Marostica, 2022, p. 37 - 42.

---

Recebido em dezembro 2024 | Aprovado em março 2025

#### MINI BIOGRAFIA

##### **Terciane Ângela Luchese**

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Pós-doutora em História da Educação pela Università degli Studi di Macerata e Università del Molise. Professora Titular I da Área de Humanidades e do Programa de Pós-graduação em Educação e Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Caxias do Sul e coordenadora do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM). Pesquisadora 1D do CNPq.

E-mail: [taluches@ucs.br](mailto:taluches@ucs.br)